REVISTA URUTÁGUA – acadêmica multidisciplinar – DCS/UEM
n. 32 – mai./nov. 2015 – Semestral – ISSN: 1519.6178

Infâncias *Glitz*: um estudo sobre as imposições dos concursos de beleza aos corpos infantis

RAFAELA DA SILVA MELO*

Resumo

A partir dos trechos extraídos de episódios do *reality show Pequenas Misses* (*Toddlers and Tiaras*) e das contribuições dos estudos da infância na perspectiva da teoria cultural, demonstramos como determinados saberes se constituem como verdade e ajudam a construir os corpos para atender às exigências dos concursos de beleza infantis e como algumas crianças aderem e/ou resistem a esse processo. Argumentamos que tal disciplinamento vem sendo sustentado por uma rede de especialistas e que com apoio das famílias têm legitimado formas contemporâneas de governo dos corpos infantis.

Palavras-chave: Infâncias; Corpo; Cultura.

* **RAFAELA DA SILVA MELO** é acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

1. Introdução

Sorrisos ensaiados, figurinos com muito brilho, unhas e cílios postiços, bronzeamento artificial, maquiagem e cabelos impecáveis, competição acirrada entre as famílias e longas horas de ensaio: essa tem sido a rotina de muitas crianças que participam dos concursos beleza pelo mundo. Muitas das pequenas estrelas como veremos neste estudo, ingressam nesse "universo" desde os primeiros meses de vida.

Acompanhando a rotina das participantes dos concursos de beleza infantis no *reality show Pequenas Misses*, exibido atualmente no canal de TV por assinatura *Discovery Home & Health,* é possível perceber que em cada episódio, determinados saberes se colocam como verdades incontestáveis, e uma delas é a de que os corpos infantis precisam ser radicalmente transformados para atender às exigências dos concursos.

Neste artigo, pretendemos mostrar como as imposições colocadas pelos concursos de beleza aos corpos infantis são sustentadas por uma rede de especialistas que as legitimam, com o poder de dizer a "verdade", e tem servido de justificativa para as formas contemporâneas de exploração, abuso, controle, disciplinamento e governo dos corpos infantis.

2. As Infâncias *Glitz*

Nas últimas décadas os estudos sobre as infâncias, crianças e culturas da infância vêm ganhando visibilidade, especialmente no campo da educação, da filosofia, sociologia, antropologia e do direito, com abordagens, enfoques e métodos nem sempre comuns. São campos disciplinares que disputam verdades e que ajudam a constituir distintas imagens sociais sobre as crianças.

Estudiosos culturais nos ajudaram no entendimento da infância como uma categoria construída social e historicamente, sendo sempre contextualizada em relação ao tempo, ao local e à cultura, variando segundo a classe social, ao gênero e a outros marcadores sociais. Sendo assim, a infância não é uma categoria absoluta em si mesma, não há uma infância natural, única e nem universal, mas múltiplas infâncias, diversos modos de

ser criança na nossa sociedade (DORNELLES, 2005; CORAZZA, 2000).

Compreender a multiplicidade e a pluralidade que envolve o conceito de infância bem como sua construção histórica, nos ajuda a entender como cada sociedade produz diferentes infâncias, com suas diversidades e desigualdades. De acordo com Felipe (2006); Bujes (2001) em nossa cultura ocidental a partir do século XVIII importantes transformações ocorreram em relação às representações de infância, família, bem como sua educação.

As crianças passaram a ser percebidas como sujeitos instituídos de uma "natureza" infantil, possuidoras de características específicas da idade. Vistas como inocentes, frágeis e heterônomas, que necessitam da proteção dos adultos e da sociedade, a infância tem sido comumente associada à inocência, ingenuidade, pureza, sensibilidade, como um tempo de felicidade e brincadeiras, onde reina o que há de mais puro e bom.

Entretanto, para muitas crianças, esse ideal de infância como "reino da brincadeira e felicidade" está muito distante. Sabemos que existem muitas crianças que não possuem o mínimo necessário para viver com dignidade e que, apesar dos avanços nas legislações e políticas no que diz respeito à garantia de direitos e proteção, para essas crianças tais conquistas não se estendem. Muitas delas lutam diariamente contra maus tratos, abusos sexuais, abandono, muitas vezes dentro de seus próprios lares, e ainda há também aquelas crianças que vivem na rua, que precisam trabalhar para ajudar a família, e outras que são expostas à prostituição.

Uma dessas infâncias da contemporaneidade que muito se distancia do modelo de infância "ideal" são as que denominamos como *glitz* (do inglês, brilho), categoria pouco explorada nos estudos sobre as infâncias, e a sua ausência nos motivou a debruçarmos neste estudo. As *infâncias glitz* são constituídas por aquelas crianças que desde a mais tenra idade têm a sua vida organizada e governada em torno dos concursos de beleza infantis.

Para Giroux (1998, p.36) "concursos de beleza infantis são lugares exemplares para examinar criticamente como o discurso da inocência mistifica a apropriação dos corpos infantis em uma sociedade que cada vez mais as sexualiza e comodifica". Além da erotização dos seus corpos, nesses concursos as crianças aprendem bem cedo que é preciso competir para ser dar bem na vida e que a beleza, o dinheiro e a fama são valores importantes e desejáveis.

Os concursos *glitz* (no Brasil são conhecidos como concursos de *Miss* Infantil) são organizados e realizados por rede de parceiros (agências de moda e de publicidade, estilistas, cabeleireiros, maquiadores, manicures, coreógrafos, fotógrafos, agenciadores e muitos outros). Uma rede que movimenta anualmente cerca de cinco bilhões de dólares. Estima-se que anualmente 250 mil crianças americanas participem de 5 mil concursos de beleza.

No Brasil, os concursos de beleza infantis, apesar de serem de pequeno porte, se comparado aos americanos, podem ser considerados significativos, visto que há muitas crianças que participam deles. Em 2008, a discussão sobre os concursos tomou conta da mídia, quando Natália Stangherlin, então com 5 anos, ganhou uma

competição internacional de beleza. Tal furor pode ser justificado "uma vez que concursos infantis de beleza é uma novidade recente no Brasil e estão se tornando populares, em especial na Região Sul, onde existem ao menos dez competições dirigidas a meninas de 3 a 13 anos" (BRASIL, 2008, p. 112). A premiação oferecida nesses concursos varia bastante: ganham-se troféus, coroas ou prêmios em dinheiro, brinquedos ou produtos de beleza, sendo que em algumas competições é até possível concorrer a carros, contrato com grandes agências, entre outros.

Para atender as regras desse tipo de concurso e assim adquirirem condições de ganhar as maiores premiações, as crianças são autorizadas e até estimuladas pelos pais e, muitas vezes, ao seu contragosto, a passar por horas de tratamentos de beleza que envolve depilação nas pernas, bronzeamento artificial, unhas e cílios postiços, apliques nos cabelos, uso de grandes saltos e mais algumas horas em dentistas que fazem as famosas próteses de porcelana nos dentes, a fim de que estes fiquem mais longos e menos infantis, além das aulas de dança, canto e postura. Muitas das crianças, participantes de concursos de beleza, tentam dar sentido ao que fazem, vendo-o como uma brincadeira, embora boa parte das famílias deixe claro para elas que não se trata de brincar e sim de competir.

As participantes de concursos de beleza infantis parecem ser, em geral, de classe média, possuem algumas posses, mas não parecem dispor de dinheiro sobrando, o concurso representa um gasto significativo para a família. Não é incomum as famílias relatarem que gastam centenas de dólares com taxas de inscrição, passagens para o local do evento, cabeleireiro, bronzeamento, próteses dentárias, maquiagens, roupas e figurinos, além das aulas de dança e de performance. Todos estes gastos são entendidos pelas famílias como um investimento, pois concursos geram premiação e visibilidade para as crianças e ainda possibilidade de contratos com emissoras de TV ou agências de publicidade. Segundo Giroux (1998) as famílias das participantes acreditam que todo esse investimento pode ser compensatório:

> […] concursos de beleza infantis são legitimados como uma rota produtiva para colocarem seus filhos em carreiras lucrativas como modelos ou para ganharem bolsas para educação, prêmios financeiros e outros. A forma de racionalização mais usada para defender os concursos é que eles ajudam a construir a autoestima das crianças, a superar a timidez e ensinam como eles crescerem (GIROUX, 1998, p. 41).

De um modo geral, entre os membros da família, os pais das crianças não parecem ter uma participação significativa nos concursos, sendo conduzidos geralmente pelas mães. Estas possuem um papel central no que diz respeito à participação das crianças nos concursos, são elas que decidem quais concursos as filhas vão participar que roupas vão usar, que coreografias vão fazer, dentre outros. No r*eality show Pequenas Misses* da *TLC* tem sido recorrente a presença de mães, que projetam nas filhas, o que elas, mães, não conseguiram no passado, seja afirmação da beleza, fama, dinheiro, ou qualquer outra forma de compensação.

3. As Infâncias *Glitz* na tela da TV: descrição do artefato do midiático

O programa *Pequenas Misses* (*Toddlers and Tiaras*) é um *reality show* da TV americana que estreou na emissora *TLC* (antigo *Discovery Travel & Living*) em 2009. No Brasil, o programa é veiculado pelo canal de TV por assinatura *Discovery Home and Health*. No site da Claro TV, menciona-se que o objetivo do canal *Discovery Home and Health* "*é contribuir para o desenvolvimento pessoal de seu Público, focando na vida da mulher contemporânea.*"

O Programa acompanha a saga das famílias em busca de coroas cintilantes, títulos pomposos e dinheiro. Os preparativos se intensificam durante a semana anterior ao último desfile. Desde o agendamento em manicures e cabeleireiros aos toques finais nas roupas, além de vários ensaios e sessões de orientação, cada criança se prepara para seu desempenho final. No palco, a decisão cabe aos juízes, mas ainda assim, as mães tentam fazer de tudo para provar que suas filhas são as mais bonitas se colocando muitas vezes em conflito com as crianças.

A cada episódio, três ou quatro competidoras são protagonistas do programa, que possui temáticas bem diversificadas: relacionamentos conflituosos entre pais e filhos, transformação e adequação dos corpos infantis para atender às exigências da competição, ênfase nas performances das crianças e na premiação.

Sobre o público-alvo, no Brasil o programa parece se endereçar a um "modelo" específico de mulher: casada, com filhos e de classe média ou alta. A definição deste público pela emissora *Discovery Home and Health* fica muito claro nos anúncios veiculados no intervalo do programa em que a imagem desse tipo de mulheres é onipresente.

Dentre os anúncios que prevalecem nos três episódios selecionados destacamos: *Lavadora Brastemp*, *Raid* (mata insetos), *Danone*, *Bepantol Baby*, *Sucos Dell Vale* entre outros, além das chamadas de programas do próprio canal como: *Gravidez Secreta*, *Esquadrão da Moda, Cupom Mania, Sexo Estranho, Plantados no altar, Com quem eu me casei, Meu super casamento Cigano, Design Divino, Quilo por quilo, Supernanny, Sala do parto, Mude meu look, 10 anos mais jovem*, entre outros.

O programa também atrai garotas adolescentes e segundo debates nos fóruns sobre o programa na internet, a forma pela qual as crianças são expostas, também atrai pedófilos.[1] Atualmente o programa está em sua 6ª temporada nos EUA e na 4ª temporada no Brasil, e tem sido constantemente alvo de diversas críticas e até de ações na justiça, por exibirem crianças sendo abusadas psicologicamente ou fisicamente para atender às exigências estéticas dos concursos, como foi o caso de uma mãe que perdeu a guarda da filha de 8 anos, por confessar em um episódio da 1ª temporada que aplicava *Botox* na criança, e ainda de outra mãe que afirmou colocar preenchimento para os seios no vestido de sua filha de 5 anos.

Para a análise dos enunciados, selecionamos trechos de três episódios do reality show de TV *Pequenas Misses:*

1 Sobre as impressões de algumas pessoas que acompanham o programa no Brasil, ver as páginas de fóruns na internet: <https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20110829154637AAzEK9a> e http://www.e-familynet.com/phpbb/pequenas-misses-o-que-acham-t501032.html>. Acesso em: 12 de maio de 2014.

12° *"Fancy Faces"* e 13° *"Viva Las Vegas"* (3ª temporada), 3° *"Circles City Stars"* (4ª temporada) exibidos no Brasil durante os meses de julho e agosto de 2013. O programa *Pequenas Misses* atualmente é exibido semanalmente, nas sextas-feiras das 21h às 22h e reprisado aos domingos das 13h às 14h e não segue uma sequência linear, podendo em uma semana apresentar um episódio da quarta temporada e na outra um episódio da terceira ou quinta temporada.

4. "Pra vencer é preciso jogar as regras do jogo": as imposições dos concursos de beleza para a transformação dos corpos infantis

De todas as temáticas que circundam o programa, uma delas em específico despertou o nosso interesse. Acompanhando atentamente as rotinas das participantes dos concursos de beleza infantis, percebemos que em cada episódio, determinados enunciados se colocavam como verdades incontestáveis: a de que os corpos infantis precisam ser radicalmente transformados. Portanto, se dará aqui, ênfase para as imposições e exigências estéticas dos concursos de beleza para os corpos infantis.

No episódio 13° da terceira temporada, acompanhamos a rotina de preparação de Ellisyn de 5 anos de idade, que já participava de concursos de beleza desde os seus dois anos de idade e colecionava inúmeros títulos e premiações. A infância da participante Ellisyn tem sido produzida a partir de determinações que tentam convencê-la que valores como beleza, fama e dinheiro são "meios essenciais" para a felicidade e sucesso, como é possível observar no depoimento de sua mãe:

> *Para convencer a minha filha a participar de concursos, digo muitas vezes para ela que beleza ajuda muito na vida. Se você é bonita, é tratada de forma de diferente. Quando eu era mais jovem eu fui modelo, mas tive filhos e engordei. Um dia você tem tudo e depois você não tem nada. Para os concursos você tem que dar o máximo de si e entrar nas regras do jogo* (TLC, 2013).

Analisando as cenas que seguem após o depoimento da mãe, "as regras do jogo" vão se revelando aos nossos olhos. Para uma criança concorrer à premiação máxima, denominada *Grand Supreme*, ela precisa se submeter a uma série de transformações estéticas em seu corpo em desenvolvimento. Para ter chances de vencer o concurso, a participante Allysn, por exemplo, precisou usar dentes postiços. A menina estava naquele período sem dois de seus dentes, os dentes incisivos ou o que chamamos de dentes de "leite", e os dentes definitivos ainda haviam nascido. O que seria simples para qualquer criança nesse momento do desenvolvimento, nesse tipo de concurso deve ter intervenção.

O processo de formação dos dentes das crianças é ignorado pela organização do concurso, que exige em termos claros, um "sorriso perfeito" como condição para conquistar os juízes. Além da imposição dos dentes postiços, a cor da pele da participante também precisou ser modificada, afinal, segundo as imposições dos estilistas, maquiadores e esteticistas internacionais, o bronzeamento artificial permite que se tenha a pele "da cor de verão" o ano inteiro.

É comum as participantes desses concursos serem obrigatoriamente submetidas a uma técnica chamada bronzeamento a jato, que consiste na

aplicação de um produto químico que reage na pele, surgindo assim o desejado "tom bronzeado". Essas e outras inovações estéticas tornam-se "naturalizadas" frente à possibilidade de transformar o corpo através dos avanços tecnológicos (JÚNIOR, et al., 2008 *apud* CHAVES, 2003).

Todas essas imposições aos corpos infantis não surgiram ao mero acaso, pois o corpo, tanto das crianças com os dos adultos ao longo da história, sempre foi sujeito à transformações. Mudaram-se as formas ideais, seu peso, seu funcionamento e seus ritmos. As representações de beleza, saúde, doença, juventude, virilidade e outros, se convertem, incorporam outros contornos e se produzem ao longo da história, novos corpos (JÚNIOR, et al., 2008). Com as tecnologias, as mudanças corporais se dão em uma velocidade ainda maior e cada nova técnica torna-se altamente desejada e valorizada.

Atualmente, inúmeros produtos e tecnologias para essas transformações, interpelam nossos desejos e carências e são alimentados pelo que Júnior et al.(2008, p. 14) definem como: "processos de *retificação*, *realinhamento* e *reconformação* da indústria de aparência", em que os corpos se apresentam na condição de passarela na qual a moda desfila. Sustenta-se assim, por meio dessas pedagogias, que se deve buscar, desde muito cedo, ser bela, mesmo que para isso seja necessário os mais torturantes sacrifícios.

Tais pedagogias se sustentam ao longo do programa a partir das diversas falas e das imagens que nos interpelam, produzem efeitos de verdade sobre o que é ser bonita em nossa sociedade (DORNELLES, 2010). A valorização dada aos corpos transformados pela sociedade do consumo nos seduz e nos faz acreditar que o corpo é o primeiro local da identidade e que este precisa estar em visibilidade, o que é possível observar também nos ditos populares quando afirmam que, "a primeira impressão é a que fica" ou que a "imagem é tudo".

Analisando o artefato cultural *Pequenas Misses* e em especial a fala da mãe da participante Allsyn, a concepção beleza enunciada por ela está associada diretamente as transformações do corpo, e são estas, no contexto dos concursos de beleza que têm fornecido "modelos" de como ser vencedores ou fracassados, determinando os sentidos para a felicidade.

Em seguida, destacamos um trecho extraído de uma cena do episódio 12° da terceira temporada de título *Fancy Faces* que acompanha a rotina da participante SamiJo de 1 ano e 8 meses, que desde os 6 meses de vida participa de concursos de beleza *glitz*. O primeiro depoimento é de Tricia, mãe de SamiJo, seguido de um diálogo entre Tricia e a treinadora da sua filha:

> *Decidi colocar SamiJo em concursos, pois era por isso que eu queria ter uma filha. [...] SamiJo faz bronzeamento, vai para o cabeleireiro e faz maquiagem para o concurso. [...] Na categoria da Sammy não costumam se bronzear, geralmente ela é a única. Queremos competir com crianças mais velhas."*
>
> Tricia: - *Iremos com glitz total para esse concurso. Estamos pensando em unhas postiças.*(junto aparece a imagem do bebê SamiJo com unhas postiças)
>
> Treinadora: - *Ficou esquisito!*
>
> Tricia (mãe da participante): - *Por que ficou esquisito?*

> Treinadora: - *Porque SamiJo tem 1 ano e 8 meses e está com unhas postiças enormes* (TLC, 2013).

O depoimento da mãe e o diálogo com a treinadora da participante geraram uma repercussão bem negativa nos telespectadores do programa[2]. Afinal, trata-se de uma criança de um ano de oito meses, sendo submetida a processos que nem mesmo sabe do que se trata e nem pode escolher se é o que quer. A bebê SamiJo que ainda tenta se equilibrar com as suas próprias pernas e aprende as primeiras palavras, já carrega sobre si a responsabilidade de ser uma vencedora de concursos de beleza.

SamiJo, segundo depoimento da sua mãe, veio ao mundo com uma única missão: realizar o sonho que a mãe tinha de ser *Miss* América. É inegável que o depoimento e as cenas de SamiJo nos choca e nos perturba. Porém, aqui também podemos lançar outras questões: a infância sempre nos comoveu? Desde quando ela é central na nossa sociedade? Se a tomamos como uma categoria histórica é possível pensar que houve transformações na sua concepção e também nas relações familiares.

Para tratar dessas questões, é necessário discorrer brevemente sobre como se constituiu a ideia de infância ou de como a infância "entrou em cena". Segundo o historiador francês Phillippe Ariès, no seu livro já clássico *A História Social da Criança e da Família* (1981) a infância, que aparentemente é algo que sempre existiu, é uma invenção recente. Segundo Ariès, no período chamado de Idade Média, as crianças não recebiam tratamento diferenciado dos adultos, elas não tinham uma atenção especial e desde cedo aprendiam determinadas técnicas e, tal como seus pais, trabalhava.

A noção de uma infância protegida e separada do mundo dos adultos não existia. Nos últimos cinco séculos houve uma considerável mudança no que seria a ideia de infância. A criança passou a ser estudada, cuidada, surgiram os especialistas na infância. Segundo Dornelles (2005) a invenção da infância está associada a uma série de práticas, no que diz respeito à vida e ao cuidado das crianças, tornando-as cada vez mais dependentes dos adultos, pois sendo a criança considerada um ser frágil, maleável, carente de razão e inocente por "natureza", ela pode ser moldada e retocada, e com isso, necessita então de direção e cuidado.

E de quem seria a responsabilidade desses cuidados e direcionamento? A invenção da infância segundo Dornelles (2005) produziu mudanças no ambiente social doméstico. A família se solidifica e precisa arcar com os cuidados, a higiene e a limpeza do espaço doméstico, bem como com a sustentação moral dos seus membros. Sendo a família a responsável por tomar decisões sobre a vida das crianças, sendo elas boas ou más. Passa a ser obrigação de a família suprir as necessidades primárias (alimentação, higiene e vestuário), secundárias (escolarização e lazer) e terciárias (afeto e proteção).

No depoimento da mãe da participante SamiJo se reforça essa premissa moderna de família, que deve controlar e decidir os rumos da vida de uma criança. Sob o argumento de ter o poder para governar e de decidir, já que a criança é heterônoma, a pequena SamiJo é submetida a toda série de

2 Ver em: <http://www.fsuniverse.net/forum/archive/index.php/t-76953.html> Acesso em: 12 de maio de 2014.

abusos e imposições ao seu corpo recém formado, sem poder se defender, sem ter como buscar socorro, pois tais imposições, num certo limite, são vistas como atribuições e direitos da família, e naquele contexto específico, como boas e desejáveis.

SamiJo ainda não pode dizer claramente o que pensa, embora se expresse com gritos e lágrimas, denominadas pela família como birra de bebê". Outras crianças na mesma situação também parecem resistir ao governo dos corpos, contestam e tentam escapar das imposições a que são submetidas. Vejamos o trecho de um diálogo entre Lori, a mãe, e sua filha, Alaska de 8 anos, participante de concursos, extraído do 3° episódio da quarta temporada intitulado *Circle City Stars and Cars*.

> Lori: *Se tingir os cílios, não saí filha!*
>
> Alaska: *Eu não quero! Eu não quero que meus olhos fiquem assim.*
>
> Mãe (depoimento em outro cenário):
>
> - *Eu estava esperando que eu realmente conseguisse fazer com que a Alaska deixasse pintar os cílios, porque os dela são muito claros. [...] E desse jeito não temos que nos preocupar com a maquiagem borrando.*
>
> (Retorna a cena do diálogo entre mãe e filha)
>
> Mãe: - *Ok! Pintar ou não a decisão é sua!*
>
> Alaska: - *Está bom! Então eu digo que não quero pintar!*
>
> Alaska (depoimento em outro cenário, distante dos pais):
>
> - *Eu não quero pintar os meus cílios, estou com medo que machuquem os meus olhos*. (No meio da cena, o pai da menina entra no diálogo entre mãe e filha e diz que ela pintará os cílios para encerrar aquela discussão).
>
> Alaska (depoimento em outro cenário, distante dos pais):
>
> - *Eu deixei pintarem meus cílios, mas só por que todo mundo queria muito mesmo. Agora que estão tingidos já não estou gostando. Esses não parecem os meus cílios, bom, eles realmente não são meus!* (TLC, 2013).

Consideramos o trecho deste último quadro, o mais impactante dentre os episódios analisados, pelo claro disciplinamento e a violência que as falas, juntamente com a cena, nos interpelam. De imediato, retomam-se as críticas sobre a violência e os abusos que se impõem sobre o corpo infantil e emergem os questionamentos sobre a atuação das instâncias jurídicas e de proteção para amparar essa criança vítima de tantos abusos[3]. Tais práticas de disciplinamento que nos interpelam e apesar de nos parecer chocantes, aliam-se à verdades do nosso tempo, que nos dizem que o corpo não existe por si mesmo, mas é conquistado e a noção de um corpo ideal deve ser almejada e conquistada pelas possibilidades de transformações que estão disponíveis.

A participante Alaska é uma criança que vive uma *infância glitz,* em que a autoridade dos pais, os discursos da rede de especialistas impõem para ela uma mudança radical em seu corpo, para vencer uma competição de beleza. Em depoimento isolado do grupo familiar, a participante Alaska, confessa em frente às câmeras, único lugar que parece se sentir à vontade para se

3 Segundo a Declaração dos Direitos da Criança (1959) no seu artigo 2°: *"Todas as crianças devem ser protegidas pela família, pela sociedade e pelo Estado, para que possam se desenvolver fisicamente e intelectualmente".*

expressar, ter cedido à pressão dos seus pais, assumindo em seu corpo transformações que lhe confere, uma identidade *fake.* A participante parece perceber que essas transformações lhe incomodam, reagindo com total estranhamento ao disciplinamento a qual é submetida, ao contrário de toda uma rede de *experts* da estética, organizadores e familiares se negam a ver esses processos.

A análise das cenas da participante Alaska nos remeteu a análise do filme *Pequena Miss Sunshine* (Produção de 2006, dos norte-americanos Jonathan Dayton e Valerie Faris premiada como melhor filme do Festival de Cinema Norte-Americano de Deauville, na França) em que a pesquisadora Rosa Maria Bueno Fischer (2008) se propondo a ir além das críticas já tão comuns aos concursos de beleza, mostra como as narrativas que se entrelaçam para dizer algo, acabam por nos dizer um pouco mais Enxergar mais sobre essas infâncias que "não podem ser integradas, nem identificadas, nem compreendidas, nem previstas", ou que podem ser nomeadas como "interrupção, novidade, catástrofe, surpresa, começo, nascimento, milagre, revolução, criação, liberdade" (LAROSSA, 2001, p. 282).

Talvez possamos pensar a participante Alaska como um exemplo das infâncias que tentam escapar, que fogem do controle dos pais, do controle dos corpos, de determinados modos de constituição de identidades. Apenas cede às pressões dos familiares, por se ver, naquela situação sem alternativas. Escapa, por compreender que o seu o corpo e sua identidade não podem ser impostos, escapa por tentar resistir a discursos tão dominantes, escapa por reagir com estranheza ao naturalizado e por se recusar a *"ser apenas a passarela pela qual a padronização deve passar".*

Considerações finais

A partir da análise de trechos extraídos do programa *Pequenas Misses* evidencia-se a produção de novas concepções de infâncias na contemporaneidade. Uma dessas é a *infância glitz,* produzida por uma rede de *experts* que vêm submetendo muitas crianças a uma série de abusos psicológicos e físicos, a partir de imposições estéticas aos seus corpos recém-formados. Crianças que não podem se defender, nem buscar socorro, pois os saberes que sustentam tais práticas são enunciados por artefatos culturais que com suas estratégias de poder/saber torna-as "naturais" e "necessárias".

A infância *glitz* talvez possa ser pensada como um paradoxo, pois as cenas e depoimentos que assistimos, parece colocar a infância no centro, ao dar às crianças uma visibilidade e todo um aparato midiático e, ao mesmo tempo, lhe rouba qualquer possibilidade de viver a infância. É possível afirmar que há uma oposição à infância nesse Programa, pois a participação em concursos parece ter a ver com o apagamento das marcas da infância dos corpos das crianças.

Apesar dos tantos avanços no campo das políticas, da legislação e com o surgimento de inúmeras instituições de proteção e amparo as crianças, bem como os esforços governamentais em todo mundo para garantir e protegê-las de abusos e explorações, elas são em diferentes realidades geográficas, culturais e socioeconômicas vítimas de abusos diariamente. No contexto brasileiro, os dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT)

destacam que por ano, são registrados cerca de 100 mil casos de abuso e exploração de crianças e adolescentes. E destes casos, menos de 20% chegam ao conhecimento das pessoas encarregadas de tomar às devidas providências. Quanto aos abusos tratados neste estudo, que dizem respeito a uma brutal imposição de modificações corporais nas crianças e que têm sido naturalizados e banalizados pela repetitiva divulgação nos espaços/artefatos culturais, tal quadro é ainda mais agravante.

Mesmo com a ausência de amparo e proteção legal, observamos que algumas crianças tentam escapar, resistir, fugir do controle de determinados modos de constituição de seus corpos. São essas infâncias, que como afirma Jorge Larrosa (2001), temos que pensá-las, na medida em que escapam, na medida em que estas inquietam tudo o que sabemos e produzimos ao seu respeito, na medida em que estas suspendem o que podemos e na medida em que colocam em xeque os lugares que construímos para elas e a presunção da nossa vontade de abraçá-las.

Referências

ARIÈS, Philippe. **Historia social da família e da infância.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BRASIL, Sandra. **A menina mais bonita do Mundo.** Veja, São Paulo, v. 41, n. 37, p. 112-114, 17 set. 2008.

BUJES, Maria Isabel. **Infância e maquinarias.** Tese de doutorado. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2001.

DORNELLES, Leni Vieira. **Infâncias que nos escapam:** da criança na rua à criança cyber. Petrópolis: Vozes, 2005.

FELIPE, Jane. **Afinal, quem é mesmo pedófilo?** Cadernos Pagu, v. 26, 2006.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Pequena Miss Sunshine: para além de uma subjetividade exterior. **Pro-Posições (UNICAMP)**, v. 19, p. 47-57, 2008. Disponível em: http://www.ufrgs.br/nemes/download.html. Acesso em: 27 de maio de 2013.

GIROUX, Henry. Nymphet fantasies: child beauty pageants and the politics of innocence. **Social Text**, v. 16, n.4, p. 31-53, 1998.

JÚNIOR, José Aelson; LADISLAU, Carlos Rogério; NIQUINI, Cláudia Mara. A moda na carne viva: **Imagem, Corpo e Consumo:** aproximações teóricas. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 15; 2007. Olinda – PE. Disponível em: http://www.cbce.org.br/cd/lista_area_03.htm Acesso em 15 de maio de 2013.

LARROSA, Jorge. Dar a palavra. Notas para uma lógica da transmissão. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. **Habitantes de Babel**: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. P. 281-295.

_____. **Pedagogia Profana:** danças, piruetas e mascaradas. 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001b. 208p.

TRAVEL LIVING CHANNEL. **Toddless and Tiaras.** Discovery Home and Health. 2013.

Recebido em 2015-03-03
Publicado em 2016-01-15